

# Prestes em Cuba, repetindo velhas acusações.

O ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Luiz Carlos Prestes, criticou ontem em Havana a situação econômica e social do Brasil. Lendo perante o plenário da Conferência de Havana sobre a Dívida Externa um trecho de um editorial de O Estado de S. Paulo, que classificou de um dos jornais brasileiros "mais conservadores, para não dizer reacionários", conforme relata nosso enviado especial Carlos Conde, Prestes afirmou:

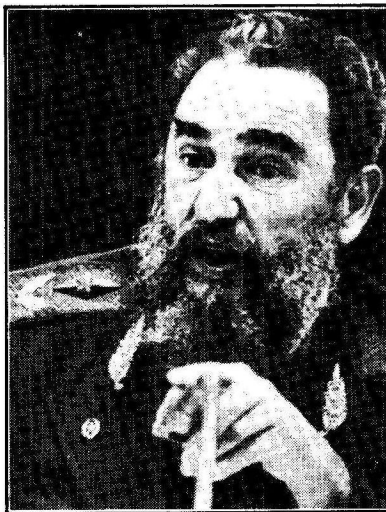
— O Estado fala que o Brasil possui a maior hidrelétrica do mundo, que é Itaipu, e destaca outros indicadores. Mas se esquece de dizer que o Brasil possui, também, a maior dívida externa da América Latina, paga um excesso de juros de mais de 40 bilhões de dólares, e paga, como serviço da dívida, de 10 a 13 bilhões de dólares do saldo de sua balança comercial por ano.

O presidente Fidel Castro, por sua vez, marcou para o dia 5 de setembro a entrevista que concederá à rede Globo de televisão. Segundo a versão mais corrente em Cuba, o mais provável condutor da entrevista será Antônio Britto.

## Renegociar

Os presidentes da Colômbia, do Panamá e do Uruguai condenaram "qualquer tipo de ação coercitiva" dos países industrializados contra as nações pobres com relação a suas decisões a respeito da forma de pagamento de sua dívida externas.

O presidente uruguaio, Julio María Sanguinetti, afirmou que não se trata de pagar ou não pagar,



"mas sim de renegociar". Segundo ele, o que se deve falar é de "como administrar a dívida, de ver que parte dos juros pode ir sendo negociada ou que condições são melhores, para não cair no isolamento". A condenação às pressões dos países industrializados consta da declaração conjunta subscrita pelos três chefes de Estado, após uma minirreunião de cúpula latino-americana realizada domingo em Cartagena, na Colômbia.

Sanguinetti, Belisário Betancur (Colômbia) e Nicolas Ardito Barletta (Panamá) condenaram "qualquer tipo de ação coercitiva" e repudiaram tacitamente o anúncio de sanções econômicas dos Estados Unidos ao governo do Peru.

Mesmo admitindo que muitos países estão dispostos a não pagar,

o presidente do Uruguai reiterou que "a dívida é impagável, porém o que se deve é encontrar as vias que possibilitem uma renegociação".

Enquanto isso, em Havana, Fidel Castro (foto) ratificava seu apoio à realização de uma reunião de cúpula latino-americana para tratar do problema da dívida externa, sem opor-se à presença dos representantes dos regimes militares do Chile e do Paraguai.

Em Bonn, o porta-voz do governo da Alemanha Ocidental afirmou que soluções efetivas para atacar os problemas que provocam as dívidas externas dos países latino-americanos não podem ser conseguidas através de reuniões de massa, com ideologia unilateral, como a de Havana.

Por outro lado, Fidel Castro acusou jornalistas norte-americanos, provavelmente da cadeia de televisão NBC, de colaborar com a CIA em uma "operação de espionagem" para localizar em Cuba o milionário norte-americano Robert Vesco, perseguido pela Justiça de seu país.

Vesco fugiu dos Estados Unidos em 1971, acusado de exportar tecnologia avançada para Cuba e fraudar 224 milhões de dólares dos investidores da Investors Overseas Services, empresa com sede em Genebra. Após escapar da Justiça norte-americana, Vesco residiu na Nicarágua, nas Bahamas e na Costa Rica. O Departamento de Estado não comentou a acusação de Castro, mas lembrou que é a segunda vez que o presidente cubano admite a presença de Vesco na ilha.